



## **CARTOGRAFANDO O CURRÍCULO: UM OUTRO OLHAR ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS E DAS NARRATIVAS DA DOCÊNCIA DE PROFESSORES SURDOS DO CURSO DE LETRAS/LIBRAS**

Cláudia de Arruda Sarturi - UFSM

**Resumo:** Este trabalho procura apresentar a construção e a produção do currículo do curso de Letras/LIBRAS na docência de professores surdos, inserido na perspectiva teórica de Estudos Culturais e de Estudos Surdos. A tentativa de compreender como esse currículo produz a docência de professores surdos que narram suas experiências envolvidas na articulação entre a comunidade surda e a educação de surdos. Para tal empreendimento analítico esse estudo se ocupou de analisar, bem como o estudo verificou-se as entrevistas de duas professoras surdas. O estudo contribuiu para a área da educação de surdos, a fim de entender as formas de constituição dos professores surdos do Curso de Letras/LIBRAS que representam a sua cultura, a sua língua e a sua subjetividade, através da possibilidade de trocas de significados em relação aos membros de outros grupos de surdos. Entende-se que nessas trocas de significados são produzidos e transmitidos às narrativas e experiências implicadas no ensino de Língua Brasileira de Sinais. Dessa maneira, o mestre surdo torna-se o constituidor da diferença produzida a partir da identidade, valorizando assim seu trabalho para o campo da educação de surdos.

**Palavras-chave:** currículo, professores surdos, Estudos Surdos, Estudos Culturais e Educação de Surdos.

### **Apresentação**

O artigo procura apresentar a construção e a produção do currículo do curso de Letras/LIBRAS na docência de professores surdos, tendo como base a perspectiva teórica de Estudos Culturais e de Estudos Surdos. A tentativa é de compreender como esse currículo produz a docência de professores surdos que narram suas experiências envolvidas na articulação entre a comunidade surda e a educação de surdos.

A ideia é pensar como um currículo que se ocupa em assumir as questões da Língua de Sinais Brasileira como foco principal, é representado pela comunidade surda como um aspecto fundamental para o campo da educação de surdos e de que forma essa representação incentiva o professor surdo a buscar um conhecimento cultural, lingüístico e social na área do ensino de LIBRAS. Portanto, destaca-se nesse estudo um currículo que atende as questões específicas da comunidade surda, a ponto de perceber o traço cultural, a Língua de Sinais, a diferença e a identidade e a subjetividade dos sujeitos surdos que vão se constituindo “ser surdo”.

Destacando-se que a proposta do currículo do curso Letras/LIBRAS está inserida na inserção do projeto desenvolvido pela educação na modalidade à distância da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ponto de referência nacional da educação de Ensino Superior, abrangendo cada pólo de várias regiões do Brasil<sup>1</sup>. Surgiu em 2006 a criação do curso de Licenciatura em Letras/LIBRAS para a formação de professores surdos com a duração de 4 anos deste curso. Enquanto, a UFSC começou a criar, em 2008, mais um curso de Bacharelado em Letras/LIBRAS oferecendo à oportunidade aos ouvintes para a formação de intérpretes e tradutores de Língua de Sinais. Atualmente, esta universidade funciona o curso presencial de Letras/LIBRAS na mesma instituição local em Florianópolis (SC).

Desse modo, esse estudo pretende contribuir para a área da educação de surdos, a fim de entender as formas de constituição dos professores surdos do Curso de Letras/LIBRAS que representam a sua cultura, a sua língua e a sua subjetividade, através da possibilidade de trocas de significados em relação aos membros de outros grupos de surdos. Para dar conta desse objetivo trabalho com as narrativas de professores surdos que atuam com o ensino da Língua de Sinais em escolas de ensino fundamental e universidades do Rio Grande do Sul. Para esse artigo trago as narrativas de duas professoras surdas. Entende-se que nessas trocas de significados são produzidos e transmitidos às narrativas e experiências implicadas no ensino de Língua de Sinais. Com isso, o educador surdo torna-se o constituidor da diferença produzida a partir da identidade, valorizando assim seu trabalho para o campo da educação de surdos.

### **Trilhando a definição de currículo: território de disputa no campo da educação de surdos**

A educação de surdos, a partir da perspectiva em análise, busca entender a produção do currículo, atentando para novas formas de articulação entre saber e poder presentes na construção do discurso curricular. Neste estudo que pretende analisar a maneira de pensar o discurso curricular na educação de surdos, a noção de currículo é entendida como “campos de significação, o conhecimento e o currículo são, pois, caracterizados também por sua indeterminação e por sua conexão com relações de poder” (SILVA, 1999, p.123).

---

<sup>1</sup> A turma de 2006 do Curso de Letras/LIBRAS foi oferecido por nove pólos: UFSM, UFSC, UFBA, CEFET – GO, UNB, UFC, UFAM, INES e USP. Esta turma recebeu o diploma de licenciada em Letras/LIBRAS no ano de 2011.

Essas ideias compõem uma forma de compreender, o termo “currículo” como sendo um espaço, um campo de produção e de criação de significados por meio de relações de poder, produzem representações das identidades. Este currículo está centralmente envolvido em torno da prática de significação. Segundo Silva (2010) o currículo como “(...) um espaço de significação, está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais” (p. 27).

Compreende-se que os Estudos Culturais fazem parte dentro de um campo cultural em torno de significação social. Neste sentido, a constituição das identidades é produzida no interior de práticas de significação, é onde os significados são negociados e transformados em relações de poder e saber. Silva (1999, p. 134) menciona:

Os Estudos Culturais são particularmente sensíveis às relações de poder que definem o campo cultural. Numa definição sintética, poder-se-ia dizer que os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder.

Então, o currículo constitui um conjunto de experiências em que os alunos surdos trocam e negociam no decorrer de suas práticas pedagógicas para concretizar seus objetivos buscando desenvolver as formas de conhecimento e a participação na vida escolar e na comunidade surda. Estes sujeitos surdos são valorizados e considerados como “diferença”, pois possuem suas características lingüísticas, cognitivas e culturais de sua própria língua, através da construção da cultura surda e da identidade na interação entre pessoas surdas.

Segundo Silva (apud Pacheco, 2010, p. 101) o currículo:

(...) é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais”.

Analisar o currículo como um discurso é mostrar a articulação desses discursos aos processos históricos e sociais, nos quais estão enredados, bem como nas questões de poder que os localizam em campos de disputas. Concordo que a partir da perspectiva em que esse estudo se filia, podemos afirmar que o currículo pode estar envolvido tanto a um processo de

homogeneização como de resistência, já que o que está em jogo são as articulações com as questões de poder:

(...) Da perspectiva pós-estruturalista, podemos dizer que o currículo é também uma questão de poder e que as teorias do currículo, na medida em que buscam dizer o que o currículo deve ser, não podem deixar de estar envolvidas em questões de poder (SILVA, 1999, p. 16).

O currículo de Letras/LIBRAS faz parte de uma formação rizomática que conecta como central o campo de lutas em torno da significação que relacionam a nossa língua, LIBRAS. Podemos pensar que é ela a LIBRAS que possibilita a rede mais influenciada nas relações de poder/saber da formação dos professores surdos e está presente na elaboração do currículo do curso, as quais se negociam as produções significativas e lingüísticas da língua. O trecho abaixo da professora entrevistada sobre Letras/LIBRAS menciona:

“Acho que o Letras/LIBRAS eu nunca estudei isso, mas já observei todos eu acredito que Letras/LIBRAS é importante que as pessoas não conheçam nada a Pedagogia não é lingüística, é a lingüística dentro de Letras/LIBRAS, vejo esse curso ajuda muito a história, o movimento, a Língua de Sinais, a poesia, a literatura, a Escrita de Língua de Sinais e diversos, ajudam a eles aprenderem como é a adaptação para ensinar quais as didáticas do ensino de Letras/LIBRAS tem o objetivo de ensinar a partir da 5ª série até o Ensino Médio (Professora Surda A)<sup>2</sup>”.

---

<sup>2</sup> A entrevista foi feita em LIBRAS pela pesquisadora e traduzida para o português nele mesmo.

<sup>3</sup> **FENEIS** (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos) – Em 1983, a Comunidade Surda criou uma **Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos**, um grupo não oficializado, mas com um trabalho significativo na busca de participação nas decisões da diretoria da Feneida. Até então esse direito lhes era negado por não se acreditar na capacidade de que poderiam coordenar uma entidade. Mas, não demorou muito e devido à grande credibilidade adquirida, a Comissão conquistou a presidência da Feneida (Em 1977 foi fundada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivo). Entretanto a representatividade dos surdos estava comprometida, pois a nova entidade era composta apenas por pessoas ouvintes. Em 16 de maio de 1987, em Assembléia Geral, a nova diretoria reestruturou o estatuto da instituição, que passou a se chamar Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS.

Desse modo, o currículo é atravessado por uma vasta rede de significados, produção de identidades e sistemas de representação. De acordo com Veiga-Neto (2000, p. 56), é necessário entender como as relações de poder funcionam e como os sujeitos se representam por meio de processos identitários entre si, pois “trata-se de processos em que estão sempre envolvidas relações de poder, ou seja, relações que procuram impor determinados significados (e não outros quaisquer). É como resultado desses processos que se estabelecem as identidades”.

Conforme podemos afirmar a questão da identidade na teoria pós-crítica abarca vários tipos dessa identidade tanto cultural quanto social, como por exemplo: percebemos o que está surgindo um grande movimento social que é a manifestação de surdos pelas lutas dos direitos lingüísticos e culturais na defesa da Língua Brasileira de Sinais e das escolas bilíngües na educação de surdos. Por outro lado, os líderes e o povo surdo organizam o movimento com o apoio da FENEIS<sup>3</sup>, pois são importantes instâncias que defendem a resistência com muito empenho e trabalho na busca de investir uma boa qualidade da educação de surdos no Brasil. Contam com a participação de surdos brasileiros: brancos, negros, índios, homossexuais, gays, lésbicas e outros, ou seja, tudo o que for relacionado à vida de cada um deles que assume à representação da sua própria identidade surda. Neste sentido, evidencia a referência da “identidade” compreendendo que:

(...) a política da identidade era o que definia esses movimentos sociais, marcados por uma grande preocupação profunda pela identidade: o que ela significa, como ela é produzida e como é contestada. A política da identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política (WOODWARD, 2009, p. 34).

Nesta perspectiva da teoria pós-crítica, as identidades estão baseadas na raça, no gênero, na sexualidade, na etnia, portanto, pertencem a respectiva classe social representando o papel de “identidade” em relações de poder e estabelecendo-se nas fronteiras em situações diferentes. Então, o processo de formação de identidades está atravessado por meio de diferentes sistemas de representação e de significados que constituem a política no poder.

O currículo está inspirado nos Estudos Culturais, sob a influência da perspectiva pós-estruturalista, para isso destaca-se o papel da linguagem e do discurso nas análises

---

empreendidos nesse estudo. Então, o currículo também tanto pode ser considerado como uma prática discursiva ou como uma prática de significação, quanto à cultura como prática produtiva. O currículo e a cultura se diferenciam por meio das relações sociais para a produção de significados e de efeitos de sentidos no interior de grupos sociais.

### **A concepção de Estudos Culturais inerentes do currículo**

Ao adentrar no campo do currículo tendo como central a questão de cultura. Para entender as formas como pretendo operar com as ferramentas conceituais desses campos de estudo, considero significativo pensar como a nação de cultura se constitui. Segundo Woodward (2009, p. 41) menciona:

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social.

A cultura é decorrente, portanto, das relações sociais entre as pessoas nos mais diversificados grupos, bem como onde acontecem as trocas de significados no interior do campo cultural representadas por meio de questões de poder e saber. Os significados produzidos no contexto cultural são legítimos em meio às relações de poder. Nesse sentido, a cultura passa a ser central. Esse movimento da centralidade da cultura foi compreendido por Hall como “Virada Cultural”, isso significa que a cultura está imersa há um campo de significados produzidos pela linguagem em meio a relações de poder/saber. Portanto, nesse jogo percebemos as diferentes formas de representação de identidades e subjetividades surdas. De acordo com Woodward (2009, p. 17) a relação entre cultura e produção de significados está relacionada com as formas como nos tornamos sujeitos:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Nessa mesma direção Silva (1999, p. 133) define que “os Estudos Culturais concebem a cultura como campo de luta em torno de significação social”. Nesse contexto, a pesquisadora surda Gládis Perlin, procura estabelecer uma relação entre os Estudos Culturais e as questões que envolvem a cultura surda num campo de produção de significados.

Os Estudos Culturais, como campo de saber, possibilitam se ocupar com muitos e diferentes significados e significantes culturais que tramitam politicamente nas diferentes forças de poder, agrupando-os, demarcando os diferentes espaços culturais inerentes a cada cultura (PERLIN, 2006, p. 66).

A filiação desse estudo ao campo de Estudos Culturais me permite perceber a relação entre os discursos sobre cultura e currículo e suas conexões às práticas culturais inventadas de forma política, social e emergencial. Assim, é possível, na esteira desse campo de estudo, olhar para as formas como o currículo e a cultura vem produzindo representações acerca do cenário da educação de surdos. Bem como, pensar nas diferentes formas como o processo cultural vem produzindo significados e efeitos verdadeiros para aquilo que nomeados de identidades e subjetividades surdas. Segundo Woodward (2009, p. 41), “as formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades”.

### **Aproximações do olhar acerca dos Estudos Surdos em educação**

Compreende-se que na área dos Estudos Surdos várias temáticas compõem o seu cenário de investigação: a História do povo surdo, a Língua de Sinais, a Escrita de Língua de Sinais, o movimento surdo, a literatura surda, as diferentes identidades e a discussão das políticas públicas e a relação da deficiência com a surdez (surdo X surdez). Podemos dizer que essas foram questões que balizaram e mobilizaram por muito tempo pesquisadores

envolvidos com o campo da educação de surdos. Um dos precursores dessas investigações foi o Prof. Carlos Skliar<sup>4</sup> que juntamente com seu grupo de pesquisa, começam a aproximar os estudos da surdez ao campo dos Estudos Culturais, denominando essa parceria de “Estudos Surdos”.

Os Estudos surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas, são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político. (SKLIAR, 2005, p. 5).

Conforme Perlin (2004, p. 77), a “cultura surda é então a diferença que contém a prática social dos surdos e que comunica um significado”. No caso dos sujeitos surdos, sua prática social, que representa a valorização da Língua de Sinais, faz parte da comunicação visual dos surdos através das trocas de experiências, porém repleta de significados produzidos pelo grupo de surdos. Os surdos compartilham a Língua de Sinais de forma espontânea com indivíduos surdos que vêm de outras variações regionais, através de dialeto, por isso deveriam valorizar a língua e a diferença implicadas nas identidades de cada um “ser surdo”<sup>5</sup>.

A Língua de Sinais é trazida como elemento constituidor dos surdos na relação com outros surdos e na produção de significados a respeito de si, do seu grupo, dos outros e de outros grupos. O encontro surdo-surdo representa, pois, a possibilidade da troca de significados que, na Língua de Sinais, nas políticas, na marcação das diferenças, carregam marcas culturais (QUADROS & CAMPELLO, 2010, p. 32).

Argumenta Skliar (apud GESSER, 2009, p. 46) que “a construção das identidades não depende da maior ou menor limitação biológica, e sim das complexas relações lingüísticas, históricas, sociais e culturais”. Então, os indivíduos surdos representam a própria identidade construída na relação com o grupo e com o uso da Língua de Sinais. O reconhecimento da

---

<sup>4</sup> O Professor Carlos Skliar foi professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Coordenou o Núcleo de Pesquisa e Políticas em Educação de Surdos (NUPPES), no período de 1997-2006.

<sup>5</sup> Ser surdo parece ser um traço de uma identidade vivida e sentida de forma particular por integrantes de um mesmo grupo, um grupo que se apresenta e preserva determinadas condições permanentes de estar no mundo e de se relacionar com o outro. (LOPES & VEIGA-NETO, 2010, p. 128).



língua oficial, a Língua de Sinais, foi pioneira e a marca registrada no território brasileiro através das lutas de Movimento Surdo. Esse é um movimento que sempre luta pelos direitos lingüísticos e busca as melhorias da educação de surdos, ou seja, da educação bilíngüe para surdos. Na cultura surda, podemos perceber os atravessamentos sobre os diferentes olhares a partir dos processos históricos, sociais e culturais quanto às relações lingüísticas dos surdos. Lopes (2007, p. 56) expressa que “ser surdo é viver permanentemente reivindicando um outro olhar do outro sobre si e viver permanentemente suspeitando de seu próprio olhar sobre si mesmo”.

Essas relações acontecem nos espaços da educação de surdos, pois é necessário que se mantenha o encontro entre surdos e com a comunidade surda. As interações com as experiências e conhecimentos travadas nesses espaços, permeadas sempre por relações de poder e saber, possibilitam as negociações e identificações com a cultura surda e a Língua de Sinais. Essas combinações permitem aos surdos se constituírem enquanto sujeitos culturais<sup>6</sup>. De acordo com Skliar (2005, p. 29):

Os Estudos Surdos em Educação podem ser definidos como um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções lingüísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma apropriação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos.

Destacam-se nesse território investigativo as perspectivas analíticas que procuram aproximar seu olhar da diferença e da identidade surda, dos diferentes contextos nos quais os processos lingüísticos dos surdos são legitimados, do reconhecimento da cultura surda e da comunidade surda pela luta pelos através do movimento surdo<sup>7</sup>. Nesse contexto, podemos pensar numa vasta produção discursiva em torno dos sujeitos surdos, desde um discurso que

---

<sup>6</sup> Identidades Culturais – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. (HALL, 2011, p. 8).

<sup>7</sup> Os muitos movimentos surdos no Brasil, principalmente os que começaram na década de 1990, lutavam (e continuam lutando) por uma outra escola para surdos; uma escola que compreendesse (e compreenda) a diferença surda dentro de um registro antropológico e cultural, e não mais médico-terapêutico. A militância surda e ouvinte levou as discussões da comunidade surda até Brasília, mais especialmente ao Ministério da Educação. Também conseguiram, em muitos estados brasileiros, a construção de algumas escolas de surdos, bem como a mudança de nomes de “escolas especiais para surdos” para “escolas de surdos”. Esse foi um grande movimento do qual resultaram conquistas significativas. (LOPES, 2007, p. 79).

os entende como sujeitos diferentes e capazes de possuir suas experiências visuais<sup>8</sup> na Língua de Sinais, como também, sujeitos deficientes, patológicos que devem ser recuperados a partir de um referencial normalizador decorrente dos discursos clínicos e terapêuticos. Lopes (2007, p. 16) afirma:

(...) a surdez é uma invenção é dizer que, sobre um corpo duro, se inscrevem saberes que me permitem significar o sujeito surdo dentro do contexto social, cultural e comunicativo em que ele está inserido. Não há como fazer significações sem que haja conhecimentos, representações sobre o que é ser surdo e o que seja surdez.

Mais um dos movimentos de aproximação de minha pesquisa com os Estudos Surdos, se dá pelo fato desse campo ressaltar a importância de compreender a discussão e problematização da temática em estudo a partir do olhar sobre as marcas culturais dos surdos. Nesse sentido, Lunardi (2005, p. 166) afirma que os Estudos Surdos são definidos por “um conjunto de concepções de ordem lingüística, multicultural e antropológica, pois são estas que apresentam uma relação com o conhecimento do mundo dos/as surdos/as. Aproximar-se de um ponto significa distanciar-se de outro, portanto, nesta definição as marcas da audiologia e das deficiências auditivas são re-interpretadas”.

Além dessas concepções relevantes estão inseridos dentro do conhecimento do mundo dos sujeitos surdos, as questões como identidade, a diferença e subjetividade. Dessa maneira, os discursos sobre a surdez e os surdos fazem parte da discussão dos indivíduos com deficiência e vêm sendo constituídos e narrados por diversas interpretações.

### **A docência de professor surdo: representante das marcas culturais e identitárias na produção de currículo de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**

Problematizando a importância da formação de professores surdos associadas as discussões em torno do discurso curricular, portanto permeada pelas relações de poder/saber, a fim de entender os significados produzidos acerca da docência em LIBRAS. Já foi

---

<sup>8</sup> Experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico (MIRANDA & PERLIN, p. 218, 2003).

mencionado nesse trabalho que a educação de surdos vem sendo pensada e definida a partir de outros olhares, os quais nos ajudam a entender que sujeitos surdos são produzidos culturalmente e constituídos por traços identitários que os aproximam. Lopes (2007, p. 47) afirma que “a educação de surdos dentro de um grupo de surdos passa a ser produtiva e a gerar outros discursos que exigem olhares diferentes sobre a formação, o corpo e a língua surda”.

Destaca-se que os professores surdos cujas experiências narradas na sala de aula trazem novas formas de ver e fazer a docência de LIBRAS, a fim de que os seus efeitos sejam produzidos na articulação entre a comunidade surda e a educação de surdos e constituídos por suas diferenças e suas subjetividades<sup>9</sup>. De acordo com Perlin (2006, p.64) menciona:

A pedagogia dos surdos se impõe para o resgate, a necessidade em vistas à subjetividade do sujeito surdo e à consistência do povo, uma necessidade estratégica a um “dever outro”. Uma pedagogia que vise um ato inaugural do surdo, o outro, surdo no seu ser surdo, que mantenha na diferença.

Ressalta-se a importância da identificação dos professores surdos nesse exercício da docência, pois através dela busca entender as diferentes posições assumidas no cenário pedagógico, a fim de identificar-se e potencializar a valorização do “ser surdo” na construção da cultura surda. Dessa forma, podemos afirmar que a pedagogia dos surdos é visto como a aproximação do olhar dos professores surdos que possuem suas experiências visuais, cujas experiências são permanentemente vividas na cultura surda. Portanto, a identidade dos surdos vai constituindo-se por meio de significados culturais, através da interação entre surdos, ou seja, também considero a pedagogia surda como a representação da identidade lingüística e cultural dos surdos. Concorda com Woodward (2009, p. 55) explica que “os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como

---

<sup>9</sup> Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. (WOODWARD, 2009, p. 55).

indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”.

Dessa maneira, os professores surdos produzem seu próprio currículo controlando seu planejamento escolar, isso funciona como um investimento de poder na educação de surdos, estabelecendo um vínculo com a comunidade surda. Em relação a Perlin (2006, p. 64) “os sujeitos surdos têm defendido a pedagogia como elemento constitutivo da vida do povo”. Então, a pedagogia dos surdos é aquela pedagogia em que o professor surdo constrói os rumos da sua formação no campo da educação de surdos seguindo às suas teorias culturais e linguísticas carregadas na construção dos significados das marcas identitárias dos surdos.

Segundo Lopes (2007, p. 26) revela a referência da formação de professores surdos:

Com a ênfase na formação de professores e pesquisadores surdos, principalmente no campo da educação, os cursos de magistério começaram a ser os mais procurados pelos surdos para fazerem a sua formação. A luta era pela qualificação de um corpo de profissionais surdos capazes de servirem como referência para crianças e jovens surdos.

Conforme o trecho da professora entrevistada que narra a identidade da formação de professores surdos de Letras/LIBRAS de todo o Brasil:

“Letras/LIBRAS, vi o que recebi também diferente parece mudou muito legal, porque a língua diferente que me ensinou coisas o que aprendi a construir o que dar construir a ensinar e desenvolver e aprendi como ficava o ensino hoje eu fiquei de ensinar diferente, eu já vi no passado a história estava mais ou menos e agora está perfeito parece admirar os surdos alegres e também muito orgulhosos com a identificação da professora já há anos até hoje a identidade é orgulhosa, porque parece um sonho até hoje tive um sonho , mas na verdade hoje eu vejo no Brasil já surgiu muitos professores de LIBRAS ao todo Brasil. Admiro. Parabéns! Estou orgulhosa, porque tem modelo da identidade profissional de professora é importante para as crianças identificarem o modelo (Professora surda E)”.

Aqui no Brasil, vejo que está cada vez mais aumentando o número de professores mestres, doutores e pesquisadores surdos envolvidos nas áreas da educação de surdos e de lingüística da Língua Brasileira de Sinais. Esses atores vêm construindo um outro registro para pensarmos a educação de surdos. Destaca-se nesses estudos o valor do reconhecimento da LIBRAS, a resistência da luta por um espaço de educação bilíngüe dos surdos e da defesa dos direitos culturais e linguísticos da língua oficial, os quais são inerentes na vida do povo surdo. Essas questões buscam qualificar suas atividades de docentes, procurando atender de melhor maneira possível as demandas da comunidade surda brasileira.

### **Concluindo a construção de currículo pela docência de professores surdos**

A educação de surdos enfatiza o papel que desempenham a língua e as representações na construção de significados e de identidades surdas dentro do currículo surdo. Percebe-se que na realidade, a língua de sinais é um sistema de comunicação inerentes das marcas culturais dos surdos nas escolas de surdos, onde há um espaço que representa a aproximação surda, o fortalecimento do movimento surdo e o empoderamento da cultura surda. Lopes (2007, p. 83) cita:

A escola de surdos – vista como um espaço de aproximação surda – e o que estamos denominando de “currículo surdo” – visto como uma produção feita com a participação efetiva dos surdos para o próprio surdo – têm se configurado como mais uma das utopias geradas na modernidade.

A escola de surdos, por ser um dos principais espaços de possibilidade de inserção na cultura surda e na comunidade surda, bem como o currículo de Língua de Sinais está presente em todos os espaços na educação de surdos, desempenha um importante papel na construção de identidades e de subjetividades surdas. O currículo surdo é construído em meio a relações de poder a partir do deslocamento de um olhar clínico para as identidades surdas e da construção da história dos surdos e da cultura surda. Lunardi (p. 83, 1998) afirma que o currículo como “é um campo de contestação, é um espaço onde os professores surdos podem

vir a negociar a sua presença, ou seja, podem tornar viva sua cultura, sua identidade, sua representação.”

Lopes & Veiga-Neto (2010, p. 117) trazem a narrativa dos surdos na escola de surdos como “os marcadores identitários surdos que podem estar nos auxiliando, como professores atuantes na educação de surdos, a pensar novos elementos para a construção do que entendemos por currículo surdo”.

Entende-se que a noção do currículo surdo faz parte da marca cultural e identitária representando a inserção da Língua de Sinais do povo surdo e como um sistema lingüístico que compartilha as novas experiências que forem geradas através da ligação entre o saber e o conhecer na construção do currículo feito pelos professores surdos. Esses profissionais surdos são figuras que envolvem e negociam em meio a representações da cultura surda e da identidade no campo da educação de surdos um espaço pedagógico que possa potencializar uma política de diferença.

### **Referências Bibliográficas:**

FENEIS. Disponível: <http://www.feneis.org.br/page/historico.asp>. Acesso em: 16/02/2012.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 11ª Ed.

LOPES, Maura Corcini & VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos. In: VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa & LOPES, Maura Corcini. **Educação de Surdos: políticas, Língua de Sinais, comunidade e cultura surda**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 116 – 137. 1ª ed.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUNARDI, Márcia Lise. Cartografando Estudos Surdos: currículo e relações de poder. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 157 – 168. 3ª ed.

LUNARDI, Márcia Lise. **Educação de Surdos e Currículo: um campo de lutas e conflitos**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação.

PACHECO, José Augusto. **Políticas Curriculares: referenciais para análise**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PERLIN, Gládis. Surdos: Cultura e Pedagogia. In: THOMA, Adriana da Silva & LOPES, Maura Corcini (orgs.). **A Invenção da Surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, p. 63 - 84.

QUADROS, Ronice Miiller de & CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A constituição política, social e cultural da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. In: VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa & LOPES, Maura Corcini. **Educação de Surdos: políticas, Língua de Sinais, comunidade e cultura surda**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 15 - 47. 1ª ed.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 1ª Ed.

SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005, 3ª ed.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 37 – 69.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 7 – 72.